

## **Do texto ao hipertexto: notas sobre a escrita digital da história no século XXI**

Mesa Nº 7: “El tiempo de la Historia de la Cultura: formas de percibir, representaciones y acciones simbólicas del mundo moderno al contemporáneo”.

Autora: Anita Lucchesi

Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ – Brasil)

Largo de São Francisco de Paula n 1o., sala 311 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – BRASIL – CEP 20051-070

E-mail: [anita.lucchesi@gmail.com](mailto:anita.lucchesi@gmail.com)

Palavras-Chave: Historiografia Digital, Ciberespaço, Internet, Representação e Hipertexto.

### **Texto:**

Estamos trocando, ou melhor, alguns de nós, estão trocando os arquivos empoeirados e as silenciosas bibliotecas por qualquer “cantinho” equipado simplesmente por um computador ligado à Rede Mundial de Computadores. Caros amigos historiadores, isto deverá significar algo especial para nós? Estamos, alguns, aos poucos, substituindo as fichas cartáceas, gavetas organizadoras e os catálogos por bancos de dados online, ficheiros indexados por etiquetas inteligentes, que permitem combinar infinitas tipologias. Estamos aprendendo a *googlar* toda coisa. Enviamos cada vez menos cartas e telegramas, utilizamos dia pós dia mais e-mail, Facebook, Skype. Viajamos com mais frequência a arquivos estrangeiros, só que sem sair do lugar, sem abandonar outros afazeres. Encontramos e lemos com mais facilidade artigos em outros idiomas. Compartilhamos documentos sem depender dos Correios, do tempo e dos recursos financeiros para o deslocamento real de milhares de páginas para lá e para cá, entre uma instituição e outra, um pesquisador e outro. Isto quererá nos dizer alguma coisa, colegas?

Não sabemos as respostas ainda, mas o fato é que, embora não se trate de absoluta substituição, dos meios e espaços tradicionais para se fazer história, a Internet tem sido, cada vez

mais, elemento presente em nossas oficinas da História, ainda que, para uns, isto se dê de maneira muito mais intensa que para outros.

A reflexão que trazemos aqui diz respeito especificamente a uma das fases do ofício que desenvolvemos em nossas oficinas, mais propriamente relacionada ao nosso trabalho de quase artesãos, qual seja, a escrita.

Gostaríamos de, através de algumas perguntas, repensar um pouco que história é essa que estamos fazendo em nosso Tempo Presente. Que criatura híbrida, afinal, surgirá em nossos textos, tão orgulhosamente gutenberguianos e já tão indelevelmente marcados pelo pós-moderno paradigma da escrita digital, as subjetiva, não linear e, ironicamente, ainda mantida presa nos claustros da impressão?

Será útil pontuar algumas questões antes de avançarmos para evitar incompreensões acerca dos usos dos termos história e historiografia. Primeiro, ressaltamos (1): história e passado são coisas diferentes; E ainda (2): a historiografia, ato de transformar o passado em história – é o trabalho básico dos historiadores que se dá através da escrita; E por fim: (3) a escrita da história é uma operação historiográfica dotada de procedimentos e métodos específicos que podem variar segundo pressupostos teóricos e ideológicos do pesquisador, sem jamais perder seu caráter operacional<sup>1</sup>.

A título de síntese para apreensão didática desta operação historiográfica, tomemos como referência as fases destacadas por Paul Ricoeur, apoiado na compreensão operacional da história do mestre de rigor Michel de Certeau: 1ª. Fase documental – aquela que “vai da declaração das testemunhas oculares à constituição dos arquivos” e diz respeito ao estabelecimento da “prova documental”; 2ª. Fase explicativa/compreensiva – aquela etapa em que os historiador responde aos “porquês” motivadores de sua pesquisa; e 3ª. Fase representativa – que diz respeito à colocação em forma literária, isto é, a escrita propriamente dita, que levará o conhecimento produzido ao público leitor. Cabe ressaltar que tal divisão “não se trata de momentos cronologicamente distintos, mas de momentos metodológicos imbricados uns nos outros.”<sup>2</sup>.

Isto posto, vamos à pergunta motiva este texto: As práticas do mundo digital interferem em algumas destas fases? Penando rapidamente, olhando apenas a superfície deste rio, alguns poderiam dizer que, por exemplo, o notável fenômeno de digitalização encabeçado por arquivos e bibliotecas mundo afora atualmente não muda em nada o cumprimento destas tarefas, a não ser, por torná-las mais rápidas e menos custosas, evitando o tempo e as despesas do deslocamento com viagens até o repositório físico destas ou daquelas fontes. Mas a corrente digital da qual ainda julgamos estar à

---

<sup>1</sup> A respeito da distinção entre passado e história e outros aspectos teóricos e práticos da disciplina, vale a consulta de JENKINS, Keith. “O que é a história?” In: *A História Repensada*. Tradução: Mario Vilela. Editora Contexto, 2001.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *A História, a memória e o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007. p. 146-147.

margem e por isso nos propomos a discutir, vai bem além da digitalização e do que fica aparente na tela dos nossos computadores, *tablets* e similares.

Estamos falando da transformação dos meios, das novas mídias digitais, cujas qualidades que interessam destacar nos limites deste texto podem ser melhor compreendidas se pensadas nas suas dimensões hipertextuais, encerrada para alguns autores no conceito de hipermídia:

As hipermídias são bases de dados navegáveis. O usuário navega de informação em informação por um jogo de linhas, ou elos, de associação entre nódulos de conteúdo. **A hipermídia adiciona explícita não-linearidade aos textos e leituras.** Elementos tais como: relações entre partes diferentes das informações, referências e apresentações imediatas de fontes, diferentes níveis de abstração das informações, tais como tabelas, sumários e notas, além da apresentação na forma de mídias alternativas como imagens estáticas ou em movimento, sons, animações, etc., podem fazer da hipermídia uma estrutura lúdica e dinâmica de informações e relacionamentos, organicamente flexíveis e adequadas a uma rica exploração pela mente humana.<sup>3</sup> (tradução e grifo nosso)

É a partir desta contestação da não-linearidade dos textos em hipermídia que desejamos reformular a questão sobre o mundo digital e a operação historiográfica. Antes de mais nada, porém, é preciso que fique claro que a hipermídia só é viável graças à arquitetura de informação do hipertexto, que, segundo David J. Staley, refere-se à:

(...) ligação digital de palavras como numa teia, não em uma cadeia linear tal como no texto impresso. Em vez de estar confinado dentro dos limites físicos do códice impresso, o "texto" de hipertexto se expande para preencher a rede eletrônica, uma vez que qualquer bloco de texto pode ser teoricamente ligado a outro bloco qualquer de texto em algum lugar do espaço eletrônico. O enredo do texto serpenteia-se através desta rede, determinada tanto pelas decisões do leitor como pelas intenções do autor. Portanto, a tela do computador fornece uma superfície de escrita não-linear, onde não há começo, meio ou fim do texto, onde as noções tradicionais de enredo linear e seqüência são derrubados, e onde as fronteiras sólidas entre o escritor e o leitor são quebrados.<sup>4</sup> (tradução nossa)

A escrita descontínua ou fragmentada característica do hipertexto parece trazer também uma nova relação entre autor e leitor, uma vez que a interação do leitor com as fontes e com o texto inteiro poderá ser distinta da forma imaginada a priori pelo seu autor. Nesta configuração, exacerba-se a velha convenção de que cada leitura encerra uma releitura. Os leitores ficam aptos a

---

<sup>3</sup> MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. *Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores, um ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de história*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2001. p. 61.

<sup>4</sup> STALEY, David J. "Digital Historiography: Hypertext". *Journal of the Association for History and Computing*. vol. 1, no. 1, June 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.3310410.0001.113> Último acesso: 28.09.12.

colaborarem com o texto e se tornam, em certa medida, co-autores do mesmo<sup>5</sup>. Isto extrapola os limites do público acadêmico e pode chegar às escolas, repercutindo nas práticas docentes da comunidade historiadora:

a tecnologia computacional pode tornar possível (embora não garanta essa possibilidade) para estudantes e outros leitores ter mais controle sobre sua aprendizagem e para se moverem em seu próprio ritmo, tomando as decisões sobre a direção em que eles querem ir, por quais atalhos querem investigar. Novas tecnologias podem também liberar os professores de alguns dos aspectos mais repetitivos e menos edificantes de ensino e permitir-lhes passar um tempo trabalhando direta e criativamente com os alunos.<sup>6</sup> (tradução nossa)

A esta altura, a questão inicial - sobre a interferência do digital na escrita da história – pode ser refeita compreendendo como força do digital o tipo peculiar de escrita em hipertexto. O que se quer saber é se a fragmentação das narrativas que ocorre devido à força não-linear da natureza hipertextual em ambientes da Web, bem como esta tal “libertação interpretativa do leitor” e a possibilidade de apresentar o passado em diferentes *layouts* graças à pluralidade de mídias passíveis de associação num mesmo texto através de hipermídia, podem ser indícios do aparecimento de um novo, ou pelo menos, bastante diferente, estilo de narrativa.

Ora, se aceitamos que a história como operação prevê a relação entre um “lugar (uma conscrição, um meio, uma profissão), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”<sup>7</sup> e, como vimos acima, a realização desta operação ocorre através do cumprimento de tarefas metodologicamente inter-relacionadas, seria plausível considerar que, se ao menos no que diz respeito a uma das fases - a terceira fase, a representativa, a escritura em si – o hipertexto traz mudanças significativas, como por exemplo, a possibilidade de construir textos multimídias, deveríamos começar a pensar numa investigação mais profunda sobre os desdobramentos do digital em nosso ofício, pois, interferindo em uma das fases, muito provavelmente a força do hipertexto se fará sentir também, de alguma maneira, nas demais etapas do trabalho historiográfico.

Não queremos, com isso, advogar que se inventem fantasias acerca dos maravilhosos usos que podemos fazer do computador e da Internet em nossas pesquisas diárias – o deslumbre acrítico pela supercalculadora é nocivo. Todavia, isto não significa que devamos resistir às novas tecnologias e, o mais importante, não quer dizer que devamos, em função de nossas reservas com todos os

---

<sup>5</sup> DECEMBER, John. “Living in Hypertext”. *EJournal*. Volume 6, N. 3, Ago 1996. Disponível em: <http://www.ucalgary.ca/ejournal/archive/v6n3/december/decht.html> Último acesso: 29.09.12.

<sup>6</sup> ROSENZWEIG, Roy e BRIER, Steven. *Historians and Hypertext: Is It More than Hype?* American Historical association, Column Computers and Software, March 1994. Disponível em: <http://www.historians.org/perspectives/issues/1994/9403/9403COM.cfm> Último acesso: 28.09.12.

<sup>7</sup> CERTEAU, M. apud RICOEUR, Paul. *A História, a memória e o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007. p. 177

avanços das técnicas eletrônicas, naturalizá-las como quem já introspectou o gesto de digitar em telefones com os polegares e não mais com o dedo indicador, como era comum nas discagens dos anos 1990. O advento da Internet e do hipertexto devem ser historicizados e pensados à luz de reflexões de historiadores, filólogos, arquivistas, sociólogos e demais pesquisadores que têm se detido sobre estes problemas, enquanto seus próprios objetos.

Notamos que há várias credenciais de peso em nossa área, como Robert Darnton, Carlo Ginzburg e Roger Chartier que, em maior ou menor proporção, têm tecido comentários instigantes acerca do par História e Internet, sugerindo que há algo a mais para se escavar nisto para além da discussão, em certa medida, já superada, da relação História e informática (que não abrange os aspectos relacionados propriamente à interconexão de máquinas na Rede Mundial de Computadores).

É Ginzburg, por exemplo, quem cunha a expressão “Era Google” para se referir a este momento hipermediático que estamos vivendo no século XXI<sup>8</sup>. É Darnton que, interessado na história do livro e da informação, nos chama atenção para a “revolução historiográfica” que o processo de escritura eletrônico e digital pode provocar. Para ele, “escrever digital” é compor um tipo diverso de texto, pensando em um público novo também – os leitores digitais. É permitir ao seu público que navegue em um texto constituído em vários andares e níveis (que poderíamos chamar de diferentes camadas semânticas, de diferentes complexidades, para um mesmo texto) onde:

Se eles vêm em cima de algo que lhes interessa em particular, eles podem clicar uma camada abaixo em um ensaio suplementar ou um apêndice. Eles podem descer mais profundamente através do livro, através dos *corpus* documentais, bibliografias, iconografia, música de fundo, e tudo o que eu puder oferecer para dar a compreensão mais completa possível do meu assunto. No final, os leitores produzirão seus próprios objetos, porque eles vão encontrar os seus próprios caminhos através deles, lendo horizontal, vertical ou diagonalmente, aonde quer que as ligações eletrônicas possam levar.<sup>9</sup> (tradução nossa)

Chartier é outro não-especialista que, mesmo adotando perspectivas diferentes das de Darnton, entende que a modificação sofrida pelos dispositivos clássicos de prova na história – a nota, a referência, a citação – sugere uma mutação epistemológica substancial para a construção e

---

<sup>8</sup> A expressão “Era Google” é utilizada pelo historiador Carlo Ginzburg durante sua comunicação ao evento Fronteiras do Pensamento 2011, ao tratar da relação entre Internet e História no século XXI. Disponível em: <http://www.frenteirasdopensamento.com.br/portal/noticias/2011/03/13/fronteiras-no-youtube-carlo-ginzburg> Último acesso: 29.09.12.

<sup>9</sup> DARNTON, Robert. “A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace”, *American Historical Association*. Mar, 1999. Disponível em: <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm> Último acesso: 29.09.12.

legitimação dos discursos de saber<sup>10</sup>. E aqui já entrevemos uma resposta possível para os nossos questionamentos: sim, alguma coisa muda com a adoção da textualidade digital. Mas para descer a camadas mais complexas desta discussão e tentar tatear aspectos mais qualitativos destas mudanças é imperativo abrir mais a roda deste debate.

Nos Estados Unidos na Itália, a História Digital ou a Historiografia Digital (*Digital History ou Storiografia Digitale*) – o termo e a(s) ideia(s) ainda estão em litígio – tentam legitimar um novo campo de reflexão para novas práticas historiadoras relacionadas ao tratamento da pesquisa histórica e sua divulgação de resultados na/via Internet. Ambos comungam preocupações quanto aos procedimentos da prática historiadora *na, para e a partir* da Internet, mas no estudo comparado que estamos desenvolvendo<sup>11</sup>, procuro problematizar pontos de intersecção e divergências entre as discussões levantadas por eles.

Em uma análise preliminar da literatura sobre “Historiografia Digital”<sup>12</sup> produzida por estes grupos, é possível perceber que existem pontos de anuência e discordâncias entre eles, mas que ambos percebem que a prática historiadora sofre profundas mutações nas pós-modernas oficinas digitais. Nota-se que problemas como aceleração do tempo, verificabilidade e fluidez das fontes, bem como “desterritorialização”<sup>13</sup> dos textos implícita ao mundo virtual, ganham mais espaço nas reflexões realizadas na Itália<sup>14</sup>. Ao passo que conservação e manipulação de arquivos digitais, aspectos técnicos e estéticos da escrita multimedial, bem como os dilemas mais objetivos – *softwares, layouts*, linguagens adequadas e direitos autorais - relativos ao compartilhamento do conhecimento histórico na Internet ocupam um lugar mais central nos debates norte-americanos<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP, 1999 (1ª reimpressão 2009). p.60-61.

<sup>11</sup> Este exercício tem sido muito proveitoso, pois tem me proposto pensar as várias possibilidades de pesquisa e investimento históricos e historiográficos no horizonte de expectativas que se descortina a partir do surgimento deste campo “Historiografia Digital”, como por exemplo, o questionamento que motiva o presente texto sobre hipertexto. (Pesquisa em andamento no Programa de Mestrado em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde sou orientada pelo Prof. Dr. Dilton C. S. Maynard.)

<sup>12</sup> Minha preferência pelo termo mais parecido com a forma utilizada pelos italianos, não se justifica por qualquer predileção em relação aos trabalhos deste grupo, como informo em nota precedente, minha pesquisa ainda está em andamento. Adoto particularmente o termo “historiografia” por lê-lo como o “trabalho do historiador no digital”, e é isto que me interessa dissecar, e não apenas a veiculação de história ou estórias na Internet. Ademais, faço esta escolha, pois acredito que o termo “historiografia” dê maior ênfase ao caráter operacional/artesanal da nossa disciplina.

<sup>13</sup> LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 47.

<sup>14</sup> Repositório de perguntas ainda sem respostas definitivas é o instigante volume organizado pelo historiador italiano Dario Ragazzini, que conta com a participação de outros profissionais da História, bibliotecas e arquivos. Cf. RAGAZZINI, Dario (org.). *La Storiografia Digitale*. Torino: UTET Libreria, 2004.

<sup>15</sup> O emblemático e audacioso “guia” *Digital History* de dois historiadores da universidade George Mason, na Virgínia, nos EUA, tem sido, até agora, nossa principal referência na literatura norte-americana. Note-se como a disputa pelo locus da “historiografia/história digital” já começa pelos títulos das obras a que chamamos atenção nesta nota e na nota anterior. Cf. COHEN, Daniel I, ROSENZWEIG, Roy. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Washington D.C.: Center for History and New Media, George Mason University, 2005. <<http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>>

A respeito desta “escrita multimedial”, Roy Rosenzweig, um dos organizadores do guia norte-americano *Digital History*, e Steven Brier, são categóricos: “Para historiadores, as vantagens disto são óbvias. O passado ocorreu em mais de um meio. Então por que não estarmos aptos a apresentá-lo em múltiplas dimensões?”<sup>16</sup>. Mais assertivo ainda, é o italiano Dario Ragazzini, organizador do volume *Storiografia Digitale*, quando diz:

Acontece que a atividade cotidiana – alta ou baixa, excepcional ou extraordinária – deixa traços do tipo informático, que serão os documentos e as fontes da história futura do nosso presente. **Como a historiografia de uma cultura alfabética é diferente daquela oral, assim também a historiografia de uma cultura digital será – e já o é – diferente daquela de uma cultura alfabética**<sup>17</sup>. (tradução e grifo nossos).

Percebemos assim que, a depender dos nossos *foreign* interlocutores, nosso questionamento não se esgotaria apenas numa simples resposta afirmativa ou negativa à questão que nos colocamos inicialmente: Afinal, as práticas do mundo digital interferem nas fases da operação historiográfica? Isso ocorre porque eles estão pensando a relação do hipertexto com o lugar social dos historiadores (aqui pensando a institucionalidade que, muitas vezes permite, mas também limita o trabalho do historiador), com os procedimentos e, finalmente, com a construção do texto histórico, isto é, a etapa final da operação histórica, que conclui a transformação do passado em História.

O que eles e nós queremos saber não é apenas se algo muda, mas o que muda para além dos aspectos mais imediatos do uso da Internet como ferramenta e meio para pesquisa e divulgação de resultados. Entendendo como aspectos mais imediatos aqueles já entrevistados por autores que trabalharam a relação entre história e informática, considerando o avanço dos recursos computacionais no fazer histórico desde o *boom* da História Quantitativa (anos 1970, a Cliometria norte-americana), tais quais: a utilização de softwares para cálculo, catalogação, varredura e classificação de fontes, a simples transposição dos materiais impressos para versões eletrônicas (“reimpressões digitais”), a facilidade de acessar e armazenar fontes online a partir dos computadores pessoais portáteis ou não, etc<sup>18</sup>.

Trata-se, de pensar, questões vindas de águas um pouco mais profundas desse mar de dados que é a Web. É parar para questionar, por exemplo, a vida ou a longevidade da nota de pé de página diante do advento do hipertexto digital. Será que, com a propagação dos livros digitais, veremos

---

<sup>16</sup> ROSENZWEIG, Roy e BRIER, Steven. op. cit

<sup>17</sup> RAGAZZINI, Dario (org.). *La Storiografia Digitale*. Torino: UTET Libreria, 2004. p. VII.

<sup>18</sup> A respeito de “História e Informática”, Cf. TAVARES, Célia Cristina da Silva. “História e Informática”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. e FIGUEIREDO, Luciano Raposo. *História e Informática: O uso do computador*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

também em um futuro próximo cair em desuso este nosso tão caro instrumento de autoridade? Lembrando que a nota de rodapé moderna “constituía uma forma nobre da arte literária”<sup>19</sup>, que fora considerada a história até poucos séculos atrás e que ela pode estar aos poucos cedendo lugar para as referências em hiperlinks. Iniciar esta discussão poderia desaguar em outras questões relativas à natureza da própria narrativa histórica, antes fora e agora no interior ambiente digital. Talvez seja, justamente, este o balanço necessário a se fazer.

Seria, de fato, bastante significativo pensarmos a nota de rodapé como uma marca identitária de nosso ofício, pois ela “identifica tanto a prova primária que garante a solidez da novidade da história, quanto as obras secundárias que não minam a forma e a tese de sua novidade. Contudo, ao fazê-lo, ela identifica a obra de história em questão como a criação de um profissional”<sup>20</sup>. Isto é, a nota confere autoridade a um trabalho. É a evidência que indica sobre os ombros de que gigantes estamos sentados. E mudar isso pode significar alterar radicalmente pressupostos metodológicos da história. Afinal, é ela quem credencia a obra historiográfica. Sem o rigor metodológico implícito nela, o que nos diferenciaria de um texto de ficção ou de uma coluna de opinião em jornais ou ainda de uma crônica? A nota é, para recuperarmos uma imagem da apreciação clássica de François Hartog aos primeiros procedimentos metodológicos de Heródoto, o controverso pai da História, a marca de enunciação (eu vi, eu ouvi... eu li) moderna cuja finalidade é fazer crer, dar a crer<sup>21</sup>. Será que vamos substituir o eu vi, eu li e outros recursos que façam valer a autópsia e dêem a crer nossa narrativa pela sua vontade de verdade por palavras sublinhadas de azul que levam nossos leitores a ver com seus próprios olhos o que estamos lhes dizendo?

Não. Não estamos convencidos de que as notas de rodapé sejam abandonadas no futuro próximo. O questionamento é, mais uma vez, para problematizar nossa atitude de criar hiperlinks e viajar neles como se estivéssemos escovando os dentes. Acreditamos, ao contrário, que essas notas façam parte de um conjunto de códigos e técnicas profissionais que não abandonaremos tão cedo. Entretanto, pensamos que o gesto de *linkar* palavras a fontes variadas não pode ser ingenuamente tomado como um procedimento neutro, sem desdobramentos em outros cantos de nossa pesquisa. Como as glosas, ancestrais do nosso moderno instrumento erudito, as notas também não devem se extinguir, mas em se tratando de texto escritos e publicados exclusivamente em ambientes digitais, há de se convir que não é totalmente descabida a perspectiva de uma gradual mesclagem das notas de pé de página pelas referências diretas às fontes e à literatura discutida via utilização de hyperlink. Todavia, por enquanto, “especialmente em artigos de periódicos de quaisquer tendências

---

<sup>19</sup> GRAFTON, Anthony. *As Origens Trágicas da Erudição*. Campinas: Papirus, 1998. p. 13

<sup>20</sup> Ibidem. P. 16.

<sup>21</sup> HARTOG, François. “O olho e o ouvido”. In: *O Espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.



acadêmicas que seja, [os usos de hipertexto digital] tendem a se aproximar mais dos formatos lineares.(...) tendem a preservar uma estrutura básica linear e usar hipertexto apenas para expandir notas de rodapé e apêndices.<sup>22</sup>” (tradução nossa).

Independente, porém, do tempo em que se verifique ou não, a utilização dos hiperlinks de maneira mais massiva em meios acadêmicos, o que tentamos apresentar aqui é a frágil, mas, insistente ideia de que o hipertexto digital abre possibilidades de novas semânticas históricas, possibilitando representar o passado em diferentes perspectivas, concomitantemente, segundo distintas percepções temporais, diversas escalas de observação, etc. Tudo graças à possibilidade da escrita em camadas, da construção estratificada dos textos em vários níveis para além da aparente plana e linear superfície do nosso écran. John December, em “Living in Hypertext”, nos informa o que vê: “Em um nível, eu vejo hipertexto como uma maneira de jogar com metáfora e associação; em um nível mais pragmático, eu vejo hipertexto como uma forma de dispor informação em camada.”<sup>23</sup>(tradução nossa).

Para lançar uma última questão à luz da estratificação, fragmentação e dispersabilidade da informação, uma vez que ela é dada ao hiperlink e ganha o espaço sem fronteiras da Web, perguntamos, enfim: Será que para a prática historiadora contemporânea, sobretudo depois da saraivada de discussões sobre a questão da narrativa, ficção e realidade histórica dos textos, que soltou faísca nos vários quiproquós que agitaram os ânimos desde o giro linguístico, podemos interpretar a opção pelo formato digital de um texto que comunica resultados de pesquisas históricas como mera e ingênua questão estética ou estilística? Ou será que devemos pensar nesta escolha, como uma escolha também científica e/ou ética e/ou metodológica específica?

---

<sup>22</sup> BRENT apud ANDERSEN, Richard. Hypertext Notes. EJournal. Volume 6, N. 3, Ago 1996. Disponível em: <http://www.ucalgary.ca/ejournal/archive/v6n3/andersen/frames.html> Último acesso: 08.10.12.

<sup>23</sup> DECEMBER, John. “Living in Hypertext”. EJournal. Volume 6, N. 3, Ago 1996. Disponível em: <http://www.ucalgary.ca/ejournal/archive/v6n3/december/decht.html> Último acesso: 29.09.12.

## Referências:

ANDERSEN, Richard. (1996) Hypertext Notes. *EJournal*. Volume 6, N. 3. Disponível em: <http://www.ucalgary.ca/ejournal/archive/v6n3/andersen/frames.html> Último acesso: 08.10.12.

CHARTIER, Roger. (2009) *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP.

COHEN, Daniel I, ROSENZWEIG, Roy. (2005) *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Washington D.C.: Center for History and New Media, George Mason University. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/> Último acesso: 08.10.12

DARNTON, Robert. (1999) “A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace”, *American Historical Association*. Disponível em: <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm> Último acesso: 29.09.12.

DECEMBER, John. (1996) “Living in Hypertext”. *EJournal*, Volume 6, N. 3. Disponível em: <http://www.ucalgary.ca/ejournal/archive/v6n3/december/decht.html> Último acesso: 08.10.12.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo (1997), História e Informática: O uso do computador. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus.

GRAFTON, Anthony. (1998) *As Origens Trágicas da Erudição*. Campinas: Papirus.

HARTOG, François (1999) “O olho e o ouvido”. In: *O Espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG.

JENKINS, Keith (2001) “O que é a história?” In: *A História Repensada*. Tradução: Mario Vilela. Editora Contexto.

LÉVY, Pierre (1996), *O que é o Virtual*. São Paulo: Ed. 34.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues (2001), *Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores, um ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de história*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia.

RAGAZZINI, Dario (org.) (2004), *La Storiografia Digitale*. Torino: UTET Libreria.

RICOUER, Paul (2007), *A História, a memória e o esquecimento*. Tradução: Alain Françoise [et al.]. Campinas, SP: Editora Unicamp.

ROSENZWEIG, Roy e BRIER, Steven (1994), Historians and Hypertext: Is It More than Hype? *American Historical Association*, Column Computers and Software. Disponível em: <http://www.historians.org/perspectives/issues/1994/9403/9403COM.cfm> Último acesso: 28.09.12.

STALEY, David J. (1996), “Digital Historiography: Hypertext”. *Journal of the Association for History and Computing*. vol. 1, no. 1. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.3310410.0001.113> Último acesso: 28.09.12.

TAVARES, Célia Cristina da Silva (2012), “História e Informática”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier.